

Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência e de amizades (e como se prepararam os originais da bibliografia de João Cabral de Melo Neto)¹

Por Gustavo Sobral²

Mindlin escreve para Zila. É setembro de 1976. Havia uma proposta da poeta para compor uma bibliografia crítica da obra de João Cabral de Melo Neto. Mindlin oferece sua biblioteca para a pesquisa convidando-a a uma ida a São Paulo. A biblioteca morava com o casal na casa do Brooklin, cidade de São Paulo, distribuída por todos os cômodos e mais outros dois edifícios na mesma rua. Posteriormente, mais um pavilhão foi construído no terreno da casa, chamavam “a biblioteca”, porque razão não se sabe. Era tudo uma biblioteca. A distribuição dos livros pela casa era de forma indistinta, “doutor Mindlin até brincava que um possível ladrão teria dificuldade de localizar as obras raras, cobiçadas e valiosas”, relembra Cristina Antunes³, especialista em pesquisa, numa tarde de agosto de 2015, na Universidade de São Paulo. “Havia uma estante completa para Câmara Cascudo e ao lado outra com obras de Gilberto Freyre”. Eram vizinhos na casa-biblioteca.

Na correspondência, encontra-se, enviadas por Zila, fotografias da visita de Mindlin e Guita, a Cascudo em Natal, casa do mestre na Av. Junqueira Aires aquele tempo, hoje Av. Câmara Cascudo, na descida para a Ribeira e subida para Cidade Alta. No verso da foto, o oferecimento do mestre Cascudo: “ao Mindlin e Guita 4-1-76”. Guita, esposa de Mindlin, partilhava com o marido o interesse e o gosto pela biblioteca que construíram a vida toda. A necessidade de manutenção e conservação do material, amalhado ao longo de suas vidas, a levou a realizar cursos diversos de restauração de livros. O casal juntou tantos livros em casa franqueando o acesso a pesquisadores e amigos, dentre eles, a bibliotecária Zila da Costa Mamede, a Zila Mamede, que preparava uma pesquisa sobre o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto. Cristina Antunes, que conviveu com o casal e cuidou do acervo na casa, lembra de Zila, baixinha e silenciosa nas suas curtas e

¹ 2016, Ensaio. Zila Mamede e José Mindlin, breve relato da correspondência e de amizade. Revista ANL, Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, v. 46, p. 36-50, 2016.

²Gustavo Sobral é jornalista e escritor. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

³Cristina Antunes é especialista em pesquisa da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin sediada na Universidade de São Paulo. Foi ela quem, mediante contato prévio por email, nos recebeu em 13 de agosto de 2015, na Biblioteca e franqueou o acesso à correspondência entre José Mindlin e Zila da Costa Mamede que integra o Fundo José Mindlin ali depositado. As informações aqui mencionadas são fruto de uma conversa com a especialista também resultante desta visita. Aqui também se agradece a disposição em nos atender e nos receber e a hospitalidade da pesquisadora e do arquivista José Francisco Guelfi Campos.

frequentes temporadas de pesquisa nos anos 1980. Zila a convite do casal, desde a primeira ida, se hospedava na casa. “Ficava três ou quatro dias, pesquisava o que queira e ia embora”.

No mesmo setembro de 1976, ano em que começa a troca de correspondência com o casal, dia 22, Zila responde a Mindlin por carta datilografada: “Dr. Mindlin, fiquei muito comovida com a sua carta...”. Mindlin havia oferecido, a priori, a edição de *O Rio* de João Cabral pela editora Fontana (edição especial de luxo e pequena tiragem), e Zila foi logo confidenciando em tom de brincadeira: “conheço essa edição de ‘O Rio’, feita pela Fontana. É bela, muito bela. Quando do lançamento eu estava em Brasília. Ocorreu-me, pela primeira vez na vida, a vontade de roubar algo”. Para tão logo dizer que sabia o valor que tinha (raridade) e não mandasse pelo correio, vai que se extraviava, prudente seria mesmo ela ir lá consulta-la.

Parece que assim, de primeira, se firmou a confiança que conduziria a amizade entre os dois. Mindlin pode perceber que Zila não só conhecia o livro como sabia o valor que uma obra rara possuía e tinha senso e responsabilidade. Mindlin viu que falavam de igual para igual, ela entendia de livros. Zila aproveitou o ensejo para o levantamento preliminar das obras e assim, na carta, se despediu e agradeceu: “manifestação como a sua, que nem me conhece, mas conhece João Cabral, é salário da felicidade que paga qualquer iniciativa particular, de pesquisa, no Brasil”. E se põe à disposição. Tem início a correspondência dos dois, hoje depositada no arquivo de José Mindlin compreendendo cartas de ambos entre 1976 e 1985, ano da morte de Zila. Cartas, cartões, bilhetes, telegramas, cerca de cinquenta e poucos documentos levantados que foram consultados na visita à biblioteca depositária também deste acervo.

José Ephim Mindlin nasceu em São Paulo (1914) e faleceu na mesma cidade em 2010, começou a trabalhar como repórter no Estado de S. Paulo aos quinze anos de idade e se formou em Direito pela Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Advogado, entrou para o ramo industrial fundando a empresa Metal Leve. Durante toda a vida, e tudo começou com a aquisição de um primeiro livro raro aos treze anos de idade, dedicou-se a colecionar livros raros. Ao final da sua vida, possuía um acervo de sessenta mil volumes entre livros, periódicos, documentos e manuscritos. Em 2006, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e resolveu, no mesmo ano, doar todo o seu acervo para a Universidade

de São Paulo, por esta razão foi construído um edifício moderno e amplo para abrigar o acervo. Sua esposa, Guita Kauffman, também nascida em São Paulo (1916-2006), foi estudante do curso de Direito da mesma faculdade, onde se formou, interessada na conservação e restauro de livros, fez diversos cursos no exterior e, em 1988, foi uma das responsáveis pela instituição da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro⁴.

O casal se dispôs a receber Zila em casa e assim fizeram. “Só lhe peço, escreve Mindlin, que me avise com a maior antecedência possível, pois viajo com certa frequência e ficaria frustrado com um desencontro” (Carta, 4 de outubro de 1976). Mindlin se permite a uma sugestão, o que leva a crer que, nesta correspondência, para o levantamento bibliográfico de João Cabral, Zila pode contar não só com a colaboração dos seus interlocutores, e foram diversos, entre pessoas e instituições no Brasil e no exterior, mas também com a sugestão e participação no seu trabalho. Uma leitura mais detalhada de sua correspondência permitirá validar esta indicação. Mindlin sugere acrescentar ao levantamento as impressões que João Cabral fez de outros autores.

Zila Mamede resolveu se aventurar pelo levantamento bibliográfico “de um poeta nordestino”, e foi João Cabral, depois de anos de dedicação ao mesmo tipo de trabalho, desta feita, levantando a produção bibliográfica do folclorista, etnógrafo, professor (dentre outros designativos, biógrafo, jornalista etc), Luís da Câmara Cascudo. Intelectual que vivia em Natal, Rio Grande do Norte, sendo natural da cidade, onde Zila também vivia (ela era natural de Nova Palmeira, Paraíba, nascida em 1928) exercendo a atividade de bibliotecária. A história de Zila começa com a mudança durante o período da Segunda Guerra Mundial para Natal, o pai era mecânico, e a enxurrada de americanos trazia oportunidade de emprego na cidade. Estudou no Colégio Imaculada Conceição e nela já nascia o desejo de poesia. Jovem, para se manter, fez curso de contabilidade e foi trabalhar na firma de Sérgio Severo, na Ribeira, pai do amigo, cronista, poeta, Augusto Severo Neto. Vem o curso de biblioteconomia e os primeiros poemas. Zila se tornou uma presença na vida da cidade.

Começa uma correspondência e uma amizade com poetas e escritores e críticos brasileiros que se desenrolara por toda a sua vida até a sua morte trágica no mar em 1985. Ela era a

⁴ Informações colhidas no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, <http://www.bbm.usp.br/node/53>, acessado em 16 de novembro de 2015.

Zila azul querida, o azul por conta da sugestão verbal, assim a tratava o poeta Carlos Drummond de Andrade, o Drummond, em carta para a sua querida Zila. A correspondência entre Drummond e Zila é mais antiga, começa em 1953 quando a poeta envia a ele um exemplar de seu primeiro livro, *Rosa de Pedra*, e segue até a morte dela em 1985. Entre documentos listam-se no tal de vinte oito, entre cartas, cartões e bilhetes⁵. Drummond de cara gostou do livro de poemas de Zila e passou a funcionar como um mentor, orientando-a em sua atividade poética, tornando-se um amigo que dispensava tratamento forma e dizia que para ela ele era Carlos, como era para os íntimos.

As cartas do poeta para Zila foram reunidas pela professora Graça Aquino e publicadas pelo Sebo Vermelho Edições, em Natal, no ano 2000. A professora dedicou-se a estudar a obra poética de Zila em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1996, com o título “Zila Mamede: a memória de uma evocação”. Quanto as cartas, Graça aponta algumas lacunas entre 1980 e 1985 na correspondência. Pelas cartas de Drummond (não se tem as de Zila para ele no volume) se percebe que Zila cultivava o mesmo *modus operandi* que desenvolve na correspondência com Mindlin. Zila se põe a comentar o tempo presente registrando fatos do cotidiano e a realidade social e política do momento vivido. As cartas de Zila parecem demonstrar também outro valor de registro: o do tempo em que vivia. Uma pista está em Drummond, 20 de maio de 1985, carta dele: “estou acompanhando com muita tristeza a tragédia ai do nordeste, e que você resumo bem nessas palavras: sol, miséria e politicagem”.

Zila mandará notícias da cidade, comentários acerca do cotidiano, é o que se observa das cartas a Drummond⁶, a poeta fazia das cartas e nas cartas um registro à diário de suas impressões, de fatos da sua vida, dos seus dias. E assinava Zil Maio de 1957, ela diz, está quente como um dezembro, céu claro e a noite perto da gente com luas, está às voltas com os originais de *Salinas* nas mãos de Simeão, pede que o poeta a ajude a recuperá-los. E opinião sobre os seus poemas e os erros, é claro: “gosto muito da sua opinião. Ela é

⁵AQUINO, Graça (org). *Cartas de Drummond a Zila Mamede*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000.

⁶A correspondência de Zila para o poeta Carlos Drummond de Andrade se encontra no arquivo do poeta mineiro, depositado na Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro/RJ, consta de cartas, cartões, telegramas etc, no período que vai de 8 de maio de 1957 a 25 agosto de 1985. O material foi consultado na visita à instituição realizada em 04 de novembro de 2015. Aqui se agradece a Eduardo Ribeiro, técnico em Ciência e Tecnologia do Arquivo Museu de Literatura Brasileira que possibilitou a realização da pesquisa no acervo.

sempre a que gosto de ouvir: justa e sincera” (Carta de Zila para Drummond, 20 de maio de 1958). Esta as voltas com a produção de novos poemas que ela mesmo considera uma fase transitória, entre a marinha e o telúrico. Então os envia ao poeta para apreciação e comentários. Alguns sobrevivem no arquivo do poeta: *Soneto da Iniciação* (Rio, 1957) é o primeiro, vai manuscrito; *Rua Trairi*, *A descoberta do Azul*, *Moenda*, *O prato*, *A colina e as cabras*, *Cavalo branco*, todos eles datados 1958. Também enviou *O cavalo e o menino*, dedicado a Pablo Picasso (1962) e *Ode camoniana, a primeira* (1962), *Requiem para meu amor de um dia* (Natal, Finados, 1966), *Promissória* (Natal, 1966) e um poema dedicado ao amigo Drummond: *Um rio duas vezes* (Recife, 23.03.68, Natal, 22.08.75)⁷.

A correspondência continua. Carta de outubro de 1958, 23: “Drummond querido” e fala da saudade de todos do Rio, envia poemas. Uma nova série, telúrica, afirma, em que o tema é a terra e trata que, além daqueles que já havia enviado (*O prato*, *Trigal*, *Moenda*, etc), remetia *O avô*, *A avó*, *Banho da moça rural*, *A apanha*, *O rio*, *A colina e as cabras*, *Cavalo branco* e *Antecolheita*. E que havia estruturado outros: *O vapor* e *A mandioca e Farinhada*. E disse mais, que considerava os últimos poemas de *Salinas*, enumerando-os, *Retrato*, *Soneto da Iniciação*, *A (outra)face* e *As enchentes*, já poemas desta nossa fase. E pergunta: você acha que vale a pena prosseguir? Seu temor é estar, de alguma maneira, caindo em repetições, lugares comuns, monotonia, mas considera: o tema pode ser o mesmo, mas a forma não é.

No ano seguinte, envia 20 poemas rurais, está animada, é março de 1959 e uma ideia: edita-los com ilustrações, cada poema uma, pela Itatiaia ou Livros de Portugal. Anuncia mais quinze poemas novos, que por serem diferentes, não pretende usá-los por hora. Numa carta de 11 de fevereiro de 1960, Drummond faz menção a uma labirintite da poeta, ela estava chateada com isso, nada podia fazer, nem ler ou escrever (a carta de Zila está datada do mesmo dia, 11 de fevereiro de 1960). Noutra (carta de 30 de maio de 1960) de um projeto dela de ir à Espanha, conseguir uma bolsa para estudar literatura em Madri, e lhe é recomendado pedir cartas de recomendação a poetas importantes, então escreveu ao amigo e no mesmo ano (Carta de Zila, 18 de julho de 1960): “gostei do Zilaazul. Gostei.”

⁷Fundação Casa Rui Barbosa. Arquivo Carlos Drummond de Andrade. Material: Documento textual de arquivo. Nº de chamada: Carlos Drummond de Andrade CDA Pit 156. Ent. princ.: Mamede, Zila. Título: [Poemas]. Ano: de 1957 a 22 ago. 1975. Assuntos: 1. Mamede, Zila.

E se assusta, o grau de amizade se intensificava, os laços se fortaleciam, “é a primeira vez que lhe chamo de Carlos!”

A carta de Drummond de 29 de junho de 1964 a consola pela perda da mãe. Zila era franca nos seus sentimentos e nos acontecimentos de sua vida pelo que se vê. E no mesmo ano já havia a ideia de reunir os três livros acrescentando mais vinte poemas novos numa única edição e pergunta ao amigo: é precipitado? O trabalho bibliográfico exige dedicação total, não há tempo para poesia, avisa a Carlos. Até que em 17 de novembro de 1970 envia ao amigo poemas que havia escrito há bastante tempo e várias vontades: rasgar alguns (estão separados), porque tem dúvida se são bons ou se forem, publica-los num livro que batizaria talvez de *Exercício da Palavra*. Quatro anos depois, o livro pronto, comunica por carta. Ele lhe puxa a orelha: “em sua carta e nas folhas dos poemas, quantas vezes leio a palavra medo, a palavra covardia! Que é isso, menina”. No ano seguinte, um gesto de carinho que respalda bem esta intimidade conquistada pelo tom de confiança e franqueza que Zila parece depositar nas suas cartas. Carlos escreve: “Zila querida, sua carta foi como ter você ao lado, a gente no deslizar de um papo sem descanso, tão gostoso”.

Drummond para Zila é um confessor e um orientador. A poeta escolhe trinta poemas iniciais para o livro e os manda, os outros deixou para uma segunda etapa, e pede alguns esclarecimentos (a carta é de 03 de fevereiro de 1975): Na *Baladinha*, o estranhamento foi o acento em navego, ou o uso da palavra? Se fora a palavra, justifica, é porque ela é muito utilizada “no sertão onde existi até os 14 anos”. E comenta. Comenta a observação que ele lhe havia feito dos “meus abusos dos prefixos”, e por isso escolheu outro tratamento para *O romance de Lula = lua*, portanto o que era: “Lula despode/milproceder”, ficou: Lula: impossível/milproceder”. Em agosto manda novos poemas: *O pássaro* e *O tango*. Este último nasceu de uma fato curioso, diz a Drummond: a história de um homem de Caicó que se apaixonou por um manequim de vitrine no tempo que aquilo não existia na cidade.

Quando chega 1976 e o projeto de compor a bibliografia de João Cabral, Drummond fornece-lhe endereços dos amigos que ela pretende consultar para o trabalho: Plínio Doyle, Rubem Braga, Cyro dos Anjos, Otto Maria Corpeaux. Era o que ela tratou por “carta pedinte”. Para o trabalho Zila conta que expediu mais de quinhentas cartas para

mais diversas pessoas e instituições. A prova de afeto que Zila conquista com os seus interlocutores está na carta dele de 3 de abril de 1977: “Querida Zila, O José Mindlin já me havia contado o seu acidente e tranquilizado quanto às consequências. Por sinal que ele e a mulher acham você um encanto de pessoa e não fazem mistérios disso. Gostei de ver proclamada por eles a qualidade de gente que você é, pois nada mais gostoso que a louvação alheia aos nossos amigos”. Zila havia sido atropelada ainda em Natal, antes da viagem a São Paulo, nada grave, e acabara de passar uma temporada de 15 dias na casa dos Mindlin.

Em 1982, o poeta ganha um presente: o poema *Os noivos*, homenagem aos oitenta anos do poeta. Em 1985 se encontram, no Rio, na casa do Plínio Doyle. Drummond não a reconhece e escreve uma carta se desculpando; Zila, com encanto, diz que nada disso, como ele havia de reconhecê-la? Tanto tempo sem se verem pessoalmente e, ela, naquela estadia no Rio, por uma série de desencontros não pudera telefonar-lhe para avisar da presença, então, como ele iria adivinhar, primeiro, que ela estaria no Rio, depois que fosse ela naquele jantar, e sabe mais porquê, ela estava diferente, sim, estava, o cabelo e os óculos. O cabelo cortado naquele mesmo sábado no cabelereiro de Maria Alice Barroso à cem mil o corte, quase ela desmaia de susto com o preço, e os óculos, ah, os óculos comprados em Viena, maiores que o rosto dela, que ela lhe disse ser de lua cheia, sem contar as roupas largas, ela ainda pontuou. E que ele não viesse com história de que é arteriosclerose, “imagine!”, disse “como dizem os paulistas”, para emendar: “Drummond você é a pessoa mais jovem que eu conheço na minha vida!”.

O poeta Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902. A infância foi na fazenda, a juventude em Belo Horizonte onde, na Escola de Odontologia e Farmácia, liderou uma turma de jovens escritores tidos por “futuristas” que incomodavam a poesia parnasiana do momento. Começou a escrever – o desejo acalentado foi exitoso – no jornal Diário de Minas onde passou a funcionário. Sem vocação para farmacêutico, foi ser fazendeiro em Itabira. O insucesso na lida com o campo, levou a ser professor de geografia e português no ginásio da cidade. Neste tempo, escreveu o primeiro livro que não chegou a publicar: *Minha terra tem palmeiras*. Uma cópia remeteu a Mário de Andrade com quem se correspondia e recebeu elogios e incentivo do poeta. Alguns dos poemas foram parar no livro de estreia *Alguma poesia* (1930). Outros livros foram escritos e não publicados: *Teia de aranha* e *Os 25 poemas*

da triste alegria que se perderam na mão de amigos. Outro, anunciado e nunca escrito *Preguiça*.

A convite do governador do Estado de Minas assumiu o cargo de redator do Diário e tinha que lidar com a delicada situação política do momento. Eram os anos 1930. Matéria da vida que serviria para os poemas do futuro em referência a memória deste tempo vivido no jornal e a política mineira. A turma da redação era a do romancista João Alphonsus e do futuro memorialista Pedro Nava. Outra prova deste tempo é que a amizade por correspondência entre escritores é uma prática da literatura brasileira e que nas páginas dos jornais viveram os primeiros exercícios de escrita, sem contar que era uma fonte de renda. Como redator Drummond percebia a quantia de 400 mil reis. Não diferente, duas décadas depois, em Natal, Zila Mamede escrevia para o jornal *Tribuna do Norte* assinando como cronista e depois publicando seus primeiros poemas, a coluna chamava-se *Aspectos da Cidade*⁸.

Os mineiros formavam um grupo que a literatura uniu em amizade. Não eram um grupo formalizado, frisaria Drummond, escreviam por diversão “sobretudo para mostrar aos companheiros de café, quando cada um de nós sacava do bolso os seus produtos literários do dia e expunha-os à crítica informal dos outros”⁹. Em Minas receberam Oswald de Andrade e o amigo e correspondente Mário de Andrade em 1924. No mesmo ano, começou a se corresponder com o poeta Manuel Bandeira. A publicação do poema *No meio do caminho* na *Revista Antropofágica* de Oswald em 1928 foi um estrondo. Reboição nacional. Mário teve dedo em *A Revista*, quando sugeriu a Drummond: misture o máximo que puder. E nela conviveram os modernistas e passadistas. *A Revista* foi fundada em 1925 com um grupo de amigos e que se estabeleceu como publicação de maior importância do modernismo mineiro.

⁸Quanto a atuação de Zila no jornal, as crônicas e os poemas publicados ver MAMEDE, Zila. *Exercícios de poesia: textos esparsos*. Org. Humberto Hermenegildo de Araujo, Maria José Mamede Galvão, Marise Adriana Mamede Galvão. Natal/RN: Edufrn, NCCEN, 2009.

⁹Declaração de Drummond em entrevista à Rádio do Ministério da Educação e Cultura nos anos 1950, programa “Confissões pelo Rádio” série de entrevistas a Lya Cavalcanti. In: WENERCK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.46

O jornalismo prosseguiu para o Rio de Janeiro. Drummond colaborou com os jornais escrevendo crônicas, contos, sobretudo, no jornal *Correio da Manhã*¹⁰. Zila também seguiu o caminho do jornalismo ao voltar da sua temporada de estudos no Rio de Janeiro. Em 1957, passou a trabalhar como redatora no *Diário de Natal*, registrando-se como jornalista profissional admitida na Associação Norte-rio-grandense de Imprensa, colaborando com outros jornais como *Diário de Pernambuco*. No mesmo ano recebeu as credenciais como correspondente do jornal *O Globo* para cobertura jornalística em Roma do Congresso Mundial da Juventude Católica. Drummond continuou redator do *Minas Gerais* até 1953, quando foi empregado regularmente no Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. Neste mesmo ano de 1953, Zila lhe remete o primeiro livro *Rosa de Pedra* e começa a correspondência dos dois.

Rosa de Pedra saiu pela Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Norte por obra do crítico literário, poeta e diretor da Imprensa, Antônio Pinto de Medeiros, incentivador da poesia de Mamede e autor de uma coleção que naquela década de 1950 publicaria outros poetas potiguares que entrariam para o cânone da literatura do Rio Grande do Norte, a Coleção Jorge Fernandes com livro dos poetas Augusto Severo Neto, Celso da Silveira, Deífilo Gurgel, Dorian Gray Caldas, Luís Carlos Guimarães, Myriam Coeli e Sanderson Negreiros¹¹. Drummond também teve o primeiro livro pela Imprensa Oficial do Estado de Minas, com o valor descontado mês a mês no seu contracheque¹². O lançamento foi com banquete no Clube do Automóvel de Minas, em junho de 1953 e a irreverência de Milton Campos, orador da ocasião, que sugeriu carne de político para a dieta dos presentes.

O lançamento de *Rosa de Pedra* foi também em clima festivo. O livro saiu com duzentos exemplares e capa do artista plástico, poeta, cronista e amigo Newton Navarro. Foi no gabinete do diretor do Departamento da Imprensa em outubro de 1953, o primeiro orador foi o incentivador e promotor daquele livro, Antônio Pinto de Medeiros.

¹⁰BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

¹¹CASTRO, Marize. *O silencioso exercício de semear bibliotecas*. Natal/RN: Una, 2011, p.49

¹²WENERCK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.64

Drummond desenvolveu o ar de conselheiro aos poetas mineiros e com a mesma naturalidade adquirida e manifesta se construiu a correspondência com Zila. Naqueles anos 1950, em que a correspondência entre os dois começa, Drummond era a paixão nacional. O crítico Antônio Candido assinalou: “Drummond é o primeiro grande poeta brasileiro nascido intelectualmente dentro do Modernismo (...)”¹³. O caminho de Drummond, ainda segundo o crítico, é de instaurar uma poesia não poética. Drummond pratica uma poesia social, individual e política fundidas no eu. O poeta procura registrar o mundo numa síntese entre o social e o individual. Recusa o lirismo convencional, interessado em trazer para o poesia o cotidiano. Um poeta que nasceu marcado para subverter os processos estruturais do poema, tendência que prevalece por toda a sua poesia entre outras características que se deduzem das análises que se debruçam sobre a sua vasta obra poética. Ele mesmo o declara em carta a Zila, “(...) tenho mudado tanto ao longa da vida, e me substituo conforme o humor de cada hora”.¹⁴

Também o poeta deixa antever os seus motivos que se encontra na sua poesia, em comentários despreziosos que revelam o seu pensamento do mundo, claramente presente nos seus versos, em carta a Zila de 1964:

“Nunca senti tanto a companhia de meu pai junto de mim, perto, dentro, do que depois que não posso ir visita-los todas as tardes, como fazia em Belo Horizonte. E com minha mãe a mesma coisa. Fui fazendo deles uma imagem perfeita, de tão nítida, à medida que ia aprofundando o sentido da morte de ambos. É uma coisa extraordinária e ao mesmo tempo tão simples, pensar neles na confusão de uma rua do centro, onde eles nunca passaram, ninguém ouviu falar deles, e entretanto caminham ao meu lado, existem, pelo simples ato maravilhoso do pensamento”.¹⁵

A família é um tema presente na obra de Drummond e Bandeira. A família aparece como uma volta ao passado, há a presença das figuras de casa, o pai, a mãe, os avôs, tios. O que diferencia são as vozes, enquanto Bandeira é lírico, Drummond entende o poema como um registro de uma emoção ou percepção, ele mesmo o revela em carta para Zila. Zila também trará a família como elemento poético. *O Arado* é a fixação do passado, a

¹³CANDIDO, Antônio. *Iniciação à literatura brasileira*. 6ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010, p.101

¹⁴Carta de Drummond a Zila, Rio, 27 de março de 1959. IN: *Cartas de Drummond a Zila Mamede*. Or. Introd. Graça Aquino. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000, p.23

¹⁵Carta de Drummond a Zila, Rio, 29 de junho de 1965. IN: *Cartas de Drummond a Zila Mamede*. Or. Introd. Graça Aquino. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000, p.38

infância, a juventude, a família com a presença dos avós. Outro ponto chave da poesia, desta poesia que se praticava por eles, a presença dos temas inusitados, coisa que Drummond era mestre e João Cabral foi aprendiz. Em *Educação pela pedra* (1966), por exemplo, João Cabral publica um poema sobre a aspirina. O professor Alexandre Alves¹⁶ antevê no título do primeiro livro de Zila uma homenagem, ou a presença da influência literária de Drummond e João Cabral de Melo Neto, o primeiro é autor do livro *A rosa do povo* (1945) e o segundo de *Pedra do sono* (1942), de onde vieram a rosa e a pedra para a *Rosa de pedra* de Zila.

Para esta geração de poetas, que orientam Zila em seu percurso, o poder da poesia está na palavra. É a relação entre as palavras que revela a poesia. Bandeira trouxe a lição de Mallarmé: “poesia está nas palavras”¹⁷. Outro ingrediente caro a poesia, tempo para maturação do poema. Nas cartas de Drummond para Zila se pode antever. Carta, Rio, 4 de novembro de 1958: escrever, escrever e depois ir peneirando, como um exercício, que consiste em ver, avaliar, ver novamente. Pensamento que João Cabral também compartilhava. O tempo é um fator da poesia. Só com tempo é possível trabalhar o poema para ser o que deve ser. O poeta deveria estar com constante luta com o poema. Também era prudente entender um verso como uma unidade independente de sentido. Em *Rosa de Pedra*, é Paulo de Tarso Correia de Melo¹⁸ quem observa, Zila já denotava esta preocupação com a linguagem, a experimentação mesmo que resultasse em sacrifício a “elegância” ou “pureza” do verso e o emprego de expressões pouco comuns em poesia. Em *Salinas* (1958) também a atenção à contenção vocabular, o conselho de Drummond fora bem empregado.

Para João Cabral a poesia era um exercício e o poeta um funcionário deste ofício. Não havia inspiração ou lirismo para mover um poema, mas pura e simplesmente a atividade racional. Um poema são colagens que formam imagens, dizia, definindo-se um poeta cubista¹⁹. Era um confesso antilírico. Ao descobrir Drummond de *Brejo das Almas* fica certo que é possível fazer poesia sem lirismo desmedido. A influência literária de

¹⁶ALVES, Alexandre. *Silêncio, mar: a poesia de Zila Mamede nos anos 50*. Natal/RN: Sebo vermelho, 2006, p.26.

¹⁷BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. São Paulo: Global, 2012, p.41

¹⁸MELO, Paulo de Tarso Correia de. Zila Mamede itinerário e exercício de poesia. IN: MAMEDE, Zila. *Navegos*. Belo Horizonte: Vega S.A., 1978

¹⁹CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006

Drummond na poesia de João Cabral demarca-se, é a partir de um poema de Drummond, *Quadrilha*, que comporá *Os três mal-amados* (1943), utilizando os primeiros versos do poema na epígrafe: “João amava Teresa que amava Raimundo...” e na dedicatória de *O engenheiro* (1945): “A Carlos Drummond de Andrade, meu amigo”, depois virá o rompimento da poesia e da amizade²⁰.

Ao contrário de João Cabral, para Bandeira o poema nascia em um momento de exaltação poética, fruto de um decurso emocional presente em algum acontecimento da vida. A poesia estava em qualquer coisa²¹. João Cabral nasceu em 1920, no Recife, e as memórias da infância vão tornar em poemas que recuperam o tempo de menino de engenho. O canavial onde lê para os trabalhadores analfabetos folhetos de cordel despertaram-no para a literatura e a casa da cidade à beira do rio Capibaribe, em Recife, os registros do poeta menino, depois as andanças pelo mundo, o que vê e que vai transformar em poesia.

João Cabral de Melo Neto, pernambucano, poeta e diplomata, se destacou como um dos maiores poetas brasileiros e construiu uma carreira sólida na diplomacia e na literatura. Residiu em diversos países, andou por diversas cidades, em razão de suas atividades diplomáticas e por um maior período na Espanha. Para tratar de uma dor de cabeça que o acompanhou por toda vida, desde a juventude no Recife, a qual se submeteu a diversos e longos tratamentos durante toda a sua vida e sem sucesso, permaneciam as dores, foi aconselhado a se dedicar a algum trabalho manual, por isso, comprou uma prensa manual e se dedicou a confeccionar livros dele e dos amigos, em pequenas tiragens, constituindo uma espécie de gráfica artesanal²². Na correspondência com os poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, lá está ele a pedir livros aos amigos para trabalhar na prensa. Foi o resultado desta atividade a impressão de diversos livros de poesia²³.

No começo dos anos 1940, começa a escrever os poemas que vão aparecer no primeiro livro, *Pedra do sono*. As dificuldades foram as mesmas enfrentadas. *Pedra do sono* é editado a partir de uma lista de contribuições para colaboradores, compareceram além da

²⁰SECCHIN, Antonio Carlos. A literatura brasileira & alguns Portugal. IN: SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: uma faca só lâmina*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p.426-442

²¹BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. São Paulo: Global, 2012

²²CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma; diário de tudo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006

²³MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Org. apresentação e notas Flora Sussekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa Rui Barbosa, 2001.

família desconhecidos. O livro saiu com 50 exemplares em edição de luxo, papel doado pelo primo Gilberto Freyre, uma sobra da edição do *Guia de Olinda*, e mais 200 exemplares em papel comum. Em 1942, se muda para o Rio de Janeiro e ali prestando concurso para o Instituto Rio Branco vai ser diplomata em quatro continentes durante toda a sua carreira até o grau de embaixador. No Rio, por intermédio de Drummond toma conhecimento que o crítico Antônio Candido havia escrito um artigo elogioso sobre o livro. Ali também conhece Bandeira, encontravam-se todos os domingos pela manhã enquanto João Cabral esteve no Rio, e também com Drummond todos os dias ao final do expediente no Café Itaí. Começa a aventura diplomática em 1947, rumo a Espanha. O destino: Barcelona. À dor de cabeça crônica, o médico receitou a atividade física e como não lhe agradava, resolveu se exercitar numa prensa mecânica produzindo livros.

Foi editor dos seus livros e de livros de amigos. *Mafuá de malungo* (1948), do primo Bandeira, eram primos, foi pela prensa de João Cabral, a quem dedicaria também, nos 80 anos de Bandeira, o seu *A educação pela pedra* (1966). Imprimia edições artesanais de 100 exemplares. Raríssimas vezes, 150. Desta leva sai *Cão sem plumas* (1949) e entre 1947 e 1950, outras 12 livros. Em 1950, o destino é Londres e uma imersão na poesia inglesa, o mesmo fará na temporada em Marselha, dedicando-se a leitura dos franceses. No final dos anos 1960, já é poeta consagrado com a publicação da poesia completa até então (1968) e a eleição para a Academia Brasileira de Letras.

Quando Zila propõe o trabalho sobre João Cabral nos anos 1970, já estava diante de um poeta respeitado mundialmente, que na Espanha privou da amizade de personalidades como Juan Miró, mas também de um homem que se considerava vocacionado para solidão e com crises de depressão as quais Zila busca contornar na realização do seu trabalho. A primeira providência quando Zila sugere o trabalho a João Cabral, veio dele dizer que não seria possível, para ela nem tentar. O encontro definitivo para selar a empreitada é Natal, entre 12 e 13 de fevereiro de 1976, João Cabral estava na cidade. Nos anos 1970, João Cabral é embaixador no Senegal e as férias corre sempre para Pernambuco. Numa delas, vem ao Rio Grande do Norte para cumprimentar Senghor, Leopold Senghor, presidente do Senegal, poeta e seu amigo, que em viagem para

Martinica pernhoitaria em Natal²⁴. É nesta ocasião que encontrando-se com Zila, João Cabral é abordado por ela com o intuito da poeta de lhe compor a bibliografia.

A correspondência entre os dois é anterior a este projeto, tem início nos anos 1960, vai de 1968 a 1984. João Cabral não desautoriza Zila que lhe envia a primeira carta de 19 de julho de 1976 e recebe como resposta em 30 de agosto material para começar a pesquisa. O poeta lhe envia o seu arquivo que se avolumava em cerca de doze a quinze pastas de documentos, e eram recortes e artigos de jornal e revistas, capítulos de livros, entrevistas, fotografias etc, além disso todas as obras de João Cabral e o endereço de críticos de diversos países que haviam escrito sobre a sua obra. Zila responde dizendo-lhe que já havia material suficiente para começar. O título *Civil geometria* é escolhido de pronto e definido pelos dois. Em 30 de setembro Zila remete a carta circular para começar a coleta de dados e o trabalho que tinha plano de durar quatro anos a princípio. Começa. Já em janeiro Zila está em São Paulo com os Mindlin consultando os livros do poeta, entregue ao trabalho que administrará juntamente as suas atividades de bibliotecária na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a retomada de sua atividade poética.

A obra poética de Zila é de destaque e reconhecida nos círculos nacionais nos quais estampavam-se críticas positivas nos principais jornais do Brasil. Antônio Olinto, Nelson Werneck, Osman Lins, que publicavam nos jornais O Globo, Correio da Manhã, Jornal do Comércio e Folha da Manhã escreveram sobre a poesia de Zila. Registram-se também, posteriormente, alguns trabalhos acadêmicos sobre a sua obra poética, entre monografias, dissertações e teses. Elza Maria Bezerra Lamartine apresenta a monografia *Zila, obra poética: uma visão história de trechos* (UFRN, 1981); Beteizabete de Brito a dissertação *Ancoragens textuais de Navegos* (UFRN, 1992) e a tese *Gênese de Herança* (UFRN, 1999); Graça Aquino, dissertação *Zila Mamede, a memória como evocação* (UFRN, 1996) e Marize de Lima Castro, dissertação *Uma mulher entre livros: Zila Mamede e o silencioso exercício de semear bibliotecas* (UFRN, 2004); e Charliton José dos Santos Machado a tese *Práticas de mulheres do Seridó paraibano 1960-1980* (UFRN, 2001).

Sobre Zila a poeta Marize Castro também construiu um completo ensaio *Zila – infinita, liquefeita*, que integra o livro-álbum de fotografias de Zila organizado por ela, Marize, e

²⁴CASTELLO, José. *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006

pela jornalista Angela Almeida, *Zila Mamede: se esse humano dos meus gestos* (2003). Zila está também presente nas notas e apontamentos biográficos da literatura do Rio Grande do Norte escritos pela poeta e professoras Diva Cunha e Constância Lima Duarte *Literatura do Rio Grande do Norte (antologia)* e *Escritoras do Rio Grande do Norte*, e no trabalho do professor Tarcísio Gurgel, *Informação da Literatura Potiguar*, ambos publicados em 2001. Há também o prefácio em *Navegos*, pelo professor e amigo, o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo.

São seis livros de poemas publicados: *Rosa de Pedra* (1953), *Salinas* (1958), *Arado* (1959), *Exercício da Palavra* (1975), *Navegos* (1978) e *Herança* (1984), em vida; dois póstumos: *Navegos Herança* (2003) e *Exercícios de poesia textos esparsos* (2009); e dois estudos bibliográficos: *Luís da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual, 1918-1968* (1970) e *Civil Geometria: bibliografia crítica e anotada de João Cabral de Melo Neto* (1987). O trabalho sobre Cascudo seria o resultado da sua dissertação de mestrado em biblioteconomia na Universidade de Brasília em 1964, que não chegou a concluir; e o último, sobre João Cabral, é uma publicação póstuma. Trabalhos a que Zila se dedicou de forma independente. A que se somam em trabalho conjunto com Deífilo Gurgel, pesquisador, poeta e folclorista, *Bibliografia anotada sobre Xico Santeiro* (1966) e a tradução de *Índice em cadeia e catálogo classificado* (1966), publicado pelo Boletim Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Zila foi uma desbravadora e por sua força e organização pessoal e empenho se meteu nesta aventura de compor a bibliografia de João Cabral, “é claro que um burguês bem comportado – lhe escreve Mindlin na carta de 04 de outubro de 1976 – não se aventura a um trabalho deste tipo, e o fato de você não se incluir entre gente bem comportada é muito simpático”. O levantamento de Zila se propunha minucioso, a ficha de dados bibliográficos remetida a Mindlin sobre a edição de luxo de *O Rio* incluía o título completo, “O Rio ou a relação da viagem que fez o Capibaribe de sua nascente a cidade do Recife”, os detalhes da edição: “edição de luxo comemorativa dos 20 anos do Prêmio de Poesia do IV Centenário de São Paulo”, epígrafe, lugar da edição, editor, impressor, ilustrações e tipos, capa, número de páginas, formato, tiragem, todas as informações na lista respondida por Mindlin e remetida a Zila.

O plano de Zila, de acordo com o projeto que instituiu, e começou naquele ano de 1976, levaria quatro anos para ser realizado e consistia em levantar, segundo informa na carta: “todo e qualquer tipo de material em que a obra de João Cabral de Melo Neto ou a obra sobre ele escrita tiver sido divulgada”. O formulário de resposta para o levantamento preliminar remetido a amigos e estudiosos da obra de Cabral consistia em três tópicos: 1. Trabalhos de sua autoria sobre JCMN (Zila usa esta abreviatura com as iniciais do nome para referir-se ao poeta), em que se deveria relacionar indicando o título, o local, o editor, a data de publicação; 2. Trabalho(s) de outros autores existentes sobre JCMN em sua biblioteca, arquivo, etc, da instituição e ou empresa que dirige, também relacionar os mesmos requisitos do tópico anterior; 3. Como obter, assinalar o meio, se por compra e onde, ou cópia, ou outro a especificar trabalhos de JCMN.

À correspondência entre os dois, Zila e Mindlin, corre em paralelo ao firmamento de uma relação afetuosa que supera o objetivo do trabalho da bibliografia de JCMN. Mindlin se dispôs também a fornecer contato de outros estudiosos que poderia ser úteis, socorreu Zila com algumas outras publicações, além de ser alvo do seu afeto. Zila compartilhou a sua poesia, ainda em 1976 enviou ao casal um exemplar de *Exercício da Palavra*, a bibliografia de Cascudo a qual ela compôs e recebeu, para a Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde trabalhava, um exemplar da Revista Antropofágica reeditada por Mindlin. A Mindlin e a Guita agrada a poesia de Zila, inclusive, Mindlin manifestará a Zila que está diante de uma poeta, em outras palavras, de gabarito, não desce a comentários ou pormenores, mas manifesta anuência ao trabalho poético que Zila apresentava. Consta na correspondência com o poeta Carlos Drummond de Andrade um traço que parece ser uma característica do exercício literário de Zila. Ao compartilhar com Drummond, e até Bandeira, seus poemas em busca de orientação.

Zila era incansável não só como poeta, mas também como pesquisadora, compondo as bibliografias, organizando acervos e bibliotecas que acompanhava a sua constante formação e aperfeiçoamento. Fez curso de biblioteconomia na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, o primeiro, onde conviveu com o poeta Manuel Bandeira e voltou-se para um mestrado na área em biblioteconomia, que não chegou a concluir, absorvida com o trabalho nas bibliotecas. Fez cursos nos Estados Unidos também, andou a Europa como correspondente do jornal O Globo e conheceu, Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, meio mundo nesta viagem. Já a sua escola poética a formou Bandeira e Drummond. Bandeira

a ela disse: você é poeta até embaixo da água do Capibaribe em resposta a leitura de *Rosa de Pedra*, livro de poemas dela que ela havia lhe remetido, e foi além, aconselhou-a a estudar latim e a ler os poetas latinos²⁵.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira nasceu em Recife (1886) e faleceu no Rio de Janeiro (1968), estudou no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro e em São Paulo frequentou a Escola Politécnica, pretendia ser arquiteto, abandonado em razão da tuberculose, “*Diga trinta e três. / – Trinta e três... trinta e três... trinta e três.../– Respire.*”, que o levou em 1912 a internar-se em sanatórios na Suíça para tratamento, foi quando conheceu a poesia pré-simbolista e simbolista francesa. O primeiro livro de poemas saiu em 1917, *A cinza das horas*, impresso na Oficina do Jornal do Comércio, de Recife, edição com duzentos exemplares e financiada pelo autor. Participante da Semana de 1922, além de poeta, Bandeira atuou como cronista e tradutor, professor de português do Pedro II e de Literatura Hispano-Americana na Universidade do Brasil. Em 1940, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Escrevia crônicas para os jornais do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo e para programas de rádio²⁶.

É autor entre outros de *Apresentação da Poesia Brasileira* (1946) em que cita, nas edições posteriores, a amiga Zila na geração dos novos (e bons) poetas que nasciam. Conviveu com o escritores brasileiros do seu tempo, se correspondia com todos eles, dentre eles o poeta Mário de Andrade. José Condé²⁷ desenhou um perfil biográfico em que nele se anota coisas assim sobre Bandeira: solteiro e sem filhos, 1,68 de altura sem os sapatos, míope e usa óculos, dentuço que ri, agradecendo sempre os livros que recebe. Responde cartas, admira o poeta Carlos Drummond de Andrade, de sua predileção. Não é requintado, pois gosta de jiló, cinema falado, rádio e de poetas de segunda ordem. Ele mesmo quem prepara o seu café da manhã e faz versos desde os dez anos de idade. Não diferente seria o retrato de Zila quando conta da sua amizade com o poeta:

²⁵GALVÃO, Claudio. *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal/RN: Moura Ramos, 2005

²⁶BANDEIRA, Manuel. Cronologia. IN: Bandeira, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.19-28.

²⁷CONDÉ, José. Flash autobiográfico de Manuel Bandeira. In: Bandeira, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.29-30.

“(...) Tivemos logo, assim, uma simpatia muito grande um pelo outro, e passei a ser a neta que ele não teve. Eu ia toda semana à casa dele; antes de ir para a Academia ele fazia sorvete pra mim, sorvete de café. Nas férias, eu levava castanha de caju, aquelas cobertas de açúcar para ele dar a uma grande amiga dele, Madame Blanche. Ele, realmente, era um pai pramim. Ele me dava todas as duplicatas de livros que recebia, entrada para todas as estreias de teatro e balé do Rio de Janeiro. Ele, realmente, me tratou como uma pessoa da família e fez mais: me obrigou a estudar. Inclusive, em cartas dele para mim, ele me obrigava a estudar latim, a conhecer os clássicos, ‘se eu não tivesse coragem de estudar latim, que pegasse essas traduções lineares, chamadas ‘tradução de burro’, e lesse o latim e a tradução justalinear, pagina dupla, latim e português, que eu ‘tinha a obrigação de aprender os clássicos: sem ler, ninguém era poeta!’”²⁸

Em fins de 1951, Zila escreveu para Manuel Bandeira, contou que lia do poeta de *A cinza das horas* e, por isso, resolveu escrever para ele e enviar alguns dos seus poemas. Recebeu de volta um cartão e o poema dela *Soneto Noturno para o Rio Capibaribe* publicado no Diário Carioca. Quando Zila vai para o Rio de Janeiro em 1954, cursar biblioteconomia a interferência de Bandeira é importante para que consiga uma bolsa de estudos que possibilite a sua sobrevivência. A primeira pessoa que entra em contato quando chega ao Rio é com o poeta. Zila ia toda semana a casa dele, e ele lhe recomendava leituras, obrigava a estudar e ler os clássicos, e julgava imprescindível a um poeta saber latim, presenteava-lhe com duplicatas dos livros que recebia e entradas para espetáculos. Em 1956, Zila concluiu o curso e voltou para Natal, já eram definitivamente grandes amigos.

A ideia de compor a bibliografia de João Cabral sucede ao trabalho realizado sobre Câmara Cascudo na década de 1960. João Cabral vem a Natal entre os dias 12 e 13 de fevereiro de 1976 é surpreendido pela proposta de Zila. Zila está determinada e se propõe também, numa espécie de diário, a registrar cada passo do trabalho que tem a realizar. Em julho do mesmo ano escreve ao poeta pedindo aprovação para começar o trabalho. João Cabral responde no dia 19 de julho, carta que vem do Senegal onde estava como Embaixador do Brasil. Zila com a anuência em mãos começa a trabalhar sobre o primeiro material que recebe do poeta pelo correio em 30 de agosto. Em setembro começa o envio das cartas para coleta do material do qual Mindlin foi um dos destinatários. A correspondência segue:

²⁸MAMEDE, Zila da Costa. *Memória Viva de Zila da Costa Mamede*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2012., p.22. ed. Fac-similar. Natal/RN: Editora Universitária, 1987.

Natal, 21 de novembro de 1976

Festa de Nossa Senhora da Apresentação

Mindlin:

(...) Agradeço as suas palavras sobre Exercício da Palavra. Confesso que publicar este livro foi como fazer um boi tomar um trem. Acho que digo isso, de certa forma, quando passei tanto tempo sem ter coragem de publicar livro. Depois, publicar livro, no Brasil, é coisa para poeta federal: poeta municipal deve ficar em seu lugar: calado. E cuidar da obra dos poetas federais: é o que estou me propondo a fazer: cuidando do João, como cuidei do Cascudo. Creio que presto um serviço, fazendo este tipo de trabalho. E que serviço presto eu publicando livro que não tem editor e quando tem impressor ele não sai dos porões da gráfica governamental? Não estou me lastimando; isso é a mais pura verdade. Estou com outro livro em andamento: João me obrigou a trabalhar na frente dele e a retrabalhar Exercício da Palavra. Ele deu as costas ao Brasil e eu engavetei tudo. (...)

Zila neste ponto invoca de alguma forma um poema do amigo Drummond, que está lá em *Alguma Poesia* (1930), dedicado ao amigo em comum o poeta Manuel Bandeira:

Política literária

A Manuel Bandeira

O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz

A conversa entre os dois, Zila e Mindlin corre então para o tom da amizade gradativamente. Zila se mostra franca, confortável e íntima e o protocolo vai pouco a pouco se esvaindo. O trabalho continua: Mindlin, carta de 26 de novembro de 1976: “respondendo em primeiro lugar à sua pergunta sobre ‘O Rio’: a edição foi de 1974 e unicamente 100 exemplares (...) meu papel foi dar a ideia e acompanhar a feitura do livro”. A amizade se firma, Mindlin, ainda na mesma carta: “gostei do jeito de suas cartas, achei que a gente se entende também tenho a impressão que estamos caminhando para

uma amizade, e amizade a gente vive simplesmente, sem conta corrente”. E Zila, carta de 14 de dezembro de 1976: “Concordo com você, quanto da amizade sem conta corrente e foi muito lindo você dizer isso. Pode crêr”.

Zila marca as férias e a visita a casa dos Mindlin lá se hospedará a previsão 10 de janeiro e manda perguntar de antemão: “que coisas do Nordeste são desejadas pelo seu paladar? P. ex: cachaça, caju, carne de sol, feijão verde, manteiga líquida, mangas, o que?” O bibliófilo registrará posteriormente o firmamento desta amizade em duas oportunidades, na apresentação de *Civil geometria*: “Zila várias vezes trouxe para a nossa casa paulista o calor do seu entusiasmo nordestino”; e na edição conjunta de *Navegos/A Herança*: “num dia ensolarado, chegou aqui Zila Mamede, com sua bagagem, carne seca, e manteiga de garrafa, desde logo falando em preparar o almoço, e isso foi o início de uma grande amizade, que só a morte interrompeu”.

20 de dezembro de 1976, avisa: “chego dia 20 de janeiro [1977]”, mas deixa claro que havendo empecilho, muda-se a data que vai estar de férias até 09 de fevereiro e que pode telefoná-la que às tardes ela estará em casa, as manhãs nadando e finais de semana nas praias próximas da cidade. E que nada de João Cabral confirmar a ida ao Rio de Janeiro a ida a São Paulo para ir aos Mindlin dependia da vida de João Cabral (que morava no exterior): “Estou um tanto preocupada com isso, pois você que o conhece talvez melhor do que eu sabe, como eu sei, da pessoa extremamente gentil, educada e atenciosa que é o João: está mergulhado no mais profundo poço de angústia”. Zila relata que há na correspondência entre ela e João Cabral queixas do poeta quanto a isso e uma indefinição dele, ele é vago, não chega a responder categoricamente, uma data prevista para a vinda ao Brasil. O que aflige Zila que depende deste definição. Haverá nestes tramites até desencontros, Zila alega ter perdido a passagem do poeta que não chegou a avisá-la certa vez de sua presença no Rio. Mais detalhes devem-se se encontrar nas cartas entre João Cabral e Zila. Em janeiro de 1977, Zila segue para São Paulo, passa quinze dias na companhia dos Mindlin retornando em fevereiro.

Zila é constantemente biográfica, uma necessidade de apresentação e até conforto dela com a amizade, uma espontaneidade revelada, assim neste tom é que pergunta mais como vai o clima de São Paulo, porque “nordestino só veste roupa de verão”. E em tom de graça completa, “sobretudo, alguém que, como eu, além de nordestina, tem um bom punhado

de mestiçagem de índio, português, espanhol e preto – veja só que bela mistura a minha. Ainda por cima, tenho prenome judeu com sobrenome árabe, não sendo nem uma nem outra coisa, embora a minha vocação judaica seja bastante acentuada: o que sou mesmo é sertaneja”. (28 de dezembro de 1976). O sertão está presente na obra poética de Zila e como parte daquele chão ela se definia.

Zila preparava *Navegos*, lançamentos previstos em Recife, João Pessoa, Campina Grande e Mossoró. Brasília estava confirmado também. Rio e São Paulo, a acertar. As cartas já eram endereçadas ao casal “queridos amigos Guita e Mindlin: isto é, na verdade, um pedido de ajuda, a vocês, tenho medo de São Paulo e do Rio” (02 de setembro de 1978). A poeta temia um lançamento vazio, por não ter muitos contatos em São Paulo, embora considerasse que, pela sua temporada no Rio, poderia reunir alguns amigos. A questão era que em São Paulo não achava prudente porque ali se considerava desconhecida, pretendia optar por só por disponível à compra nas livrarias da cidade. A Editora Vega, de Belo Horizonte, que publica o livro, planejou lançamentos em Natal, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Brasília. Em São Paulo, foi posto à venda na livraria Parthenon. No Rio Grande do Norte, houve lançamento em Currais Novos, Caicó e Mossoró.

Há fatos e dados que escapam da correspondência. As visitas que Zila fez a São Paulo e os telefonemas entre os dois também construíram os laços. O chamamento já muda em algumas cartas, Mindlin é o “tio Juca” ou “Zé” e Zila já assina “Zil”. Há também a visita de Mindlin a Cascudo em Natal, também tema nas cartas, quando Zila envia fotografias de Guita, Mindlin e Cascudo em Natal, remetidas com dedicatória no verso do punho do próprio Cascudo que faz o registro da data da visita, 15 de outubro de 1978. Há outro indício da presença de Mindlin em Natal, em carta, no ano de 1982, em dezembro. Mindlin virá outras vezes a Natal. Há tentativa de, diante dos gastos financeiros com o trabalho da bibliografia de propor um projeto para financiamento da pesquisa ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que é negado na primeira tentativa e aceito na segunda, aprovado em 22 de dezembro de 1981. Há interferência de Mindlin é importante para que haja a concessão. O amigo estava engajado no projeto e, após a morte de Zila, será o responsável por arregimentar os esforços para a

publicação da pesquisa em livro. A Mindlin caberá a apresentação. Zila deixou rascunhada e da forma como ficou também foi publicado na edição²⁹:

“Quando em 1976 expressamos a João Cabral de Melo Neto o desejo de trabalhar na sua bibliografia, recebemos dele uma resposta bastante desanimadora: - ‘Impossível!’ Argumentava ele, na ocasião, que tendo vivido em muitos países, seria impossível fazer-se um levantamento do que se escrevera sobre ele. Insistimos na ideia. Conseguimos obter sua adesão e sua concordância.

Desde 1970, quando publiquei o trabalho de pesquisa Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918-1968, Natal: Fundação José Augusto, 1970, 2v em 3, desejei um dia realizar pesquisa semelhante mas no terreno da poesia. Guardei a ideia para uma ocasião propícia. Em 1968, conheci pessoalmente João Cabral de Melo Neto. Mantivemos, desde então, um profícuo relacionamento de amizade pessoal e de interesse literário. Cada encontro nosso equivalia a um curso de literatura e de arte poética. A partir de então, fui-me inteirando e me aprofundando na leitura de sua obra. Foi quando tomei conhecimento do estudo de Benedito (Nunes). Esse estudo apresentava, até então, a informação bibliográfica “mais completa” sobre a obra de JCMN. Pois foi exatamente a partir de Benedito Nunes que tomei a decisão: a pesquisa seria sobre o poeta nordestino, e este poeta estava escolhido: João Cabral de Melo Neto.

Até este momento eu não tinha ideia clara de como iniciar.

Escrevi ao autor, comunicando-lhe minha intenção e solicitando-lhe minha intenção e solicitando-lhe a permissão para realizar o trabalho. A resposta não foi animadora: ‘Impossível’, disse-me ele.

Inicialmente programei fazer o levantamento do material bibliográfico, coletá-lo, analisá-lo e publicá-lo em homenagem aos 60 anos do poeta, ou seja, em 1980: calculando o tempo pela experiência que eu havia adquirido com o trabalho sobre Luís da Câmara Cascudo, concluí que em 4 anos teria a pesquisa pronta para publicar.

O que ocorreu foi que, em 1980, eu nem havia conseguido um financiamento para o desenvolvimento da pesquisa, o que somente ocorreu em janeiro de 1982.

Mudei, evidente, de plano: estabeleci 1982 como data limite, fechando assim um círculo. Sobre os 40 anos de atividade poética de JCMN, 1942 – publicação de Pedra do Sono, 1982, pub. De A escola das facas e Poesia Crítica. É evidente que [aqui termina o texto]”.

O livro saiu em 1988, uma coedição da Editora Universidade de São Paulo, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Instituto Nacional do Livro e a Fundação de Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social de São

²⁹MAMEDE, Zila. *Civil geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto (1942-1982)*. São Paulo: Nobel, 1987, p.XIII a XV.

Paulo. O termino foi possível com o trabalho final, seguindo as instruções já propaladas por Zila enquanto caminhavam com a pesquisa, pelas bibliotecárias que a auxiliavam, Gildete Moura de Figueiredo, Rejane Lordão Monteiro e Emilia Souto. Juntas trabalhavam todas as tardes, no apartamento de Zila. Na sala todo o material utilizado para a pesquisa: livros, recortes de jornal, etc. Mais de duzentas siglas foram necessárias, criadas por ela, o arrolamento dos títulos das obras de João Cabral dispostos não só por períodos, mas também por edições em português e língua estrangeira. A conclusão do trabalho da forma como planejara Zila foi possível porque no diário de campo permaneceram instruções anotadas em janeiro de 1981³⁰:

“Ivonete acaba de me dizer: ‘por favor, diga o que eu faço com esse seu trabalho (João Cabral - bibliografia) caso você morra antes de concluí-lo’. Embora sendo uma estranha pergunta para um irmã fazer a outra, na entradinha do ano novo e na véspera dela mesma viajar para o Rio de Janeiro, de férias, registro aqui, agora, às 11 horas da manhã, o que deve ser feito com o trabalho em processamento, caso alguma coisa me impeça de concluí-lo:

1 O trabalho deve ser entregue sob documento de co-autoria à bibliotecária Cremilda Perucci, da Universidade Federal de Pernambuco. Ela tem conhecimento e concorda com a minha decisão e já decidimos isso desde 1977, confirmamos em abril de 1980, no Recife. É impossível que eu e Cremilda morramos ao mesmo tempo. Mas, caso isso aconteça, o que será patético, entregar o trabalho ao INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Espero não morrer, pelo menos até conversar sobre o assunto, com meu amigo Fernando Freire.

2. Todo o material bibliográfico dos 15 álbuns pertence a João Cabral de Melo Neto e sua família e a eles deve ser devolvido sob recibo. Espero concluir o fichamento antes de poder o morrer ou ter que morrer.

3. Todo o material bibliográfico do qual não disponha a biblioteca particular de João Cabral de Melo Neto, deve ser entregue a Stella Maria Cabral de Melo, para completar a coleção.

4. Tudo o que for duplicata para biblioteca particular de João Cabral, deve ser entregue a José Mindlin. Ele também já está ciente disso.

5. Toda a minha correspondência deve ser entregue por doação a José Mindlin. Ele já sabe o que fazer com a correspondência.

Natal, 2 de janeiro de 1981.

A confiança era tanta que Zila assim escreveu ao “querido tio Juca” em 07 de setembro de 1981: “gostaria de lhe pedir permissão para enviar-lhe uma análise bibliográfica na

³⁰GALVÃO, Claudio. *Zila Mamede em sonhos navegando*. Natal/RN: Moura Ramos, 2005, p.157-158

fase em que se encontra, afim de obter de você uma opinião sobre alguns dados que estou questionando: e eu prefiro ter a opinião de uma pessoa que entende de livros, de informação, de arte, de cultura, afinal de contas, do que ouvir um técnico em documentação e que não está habilitado a uma visão ampla de um processo de criação qualquer quanto mais poético”. Zila também remeteu poemas. *A Máscara* chegou por carta de 7 de dezembro de 1980 para “tio Juca”, datilografado e com a menção da poeta: “este é o primeiro poema escrito na minha casa nova”. Um poema que seria publicado em *A Herança* com o título de *Hermelinda no espelho*.

A Máscara

Zila Mamede

O rosto exige unção de creme nutritivo
 textura de loção hidratante
 sedosidade de sabão adstringente

O rosto seleciona cores de potes,
 formatos de tubos e de frascos:
 na concorrência das embalagens

que se oferecem em fiteiros e vitrines
 – o chamariz harmônico e ofuscante
 do gaz-neon, luz fria, candeeiros

Espelhos salientam abusivos olhos
 pincéis acentuam a descritiva sensual dos lábios
 dedos massageiam impiedosas geometrias de pescoços e colos
 Sacralizados em banheiros e termas
 múltiplos cosméticos realimentam
 as vibrações do rosto que exorcisa o tempo.

Natal, 7/12/80

Zila também se refere a participação no laboratório de criatividade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tratou do processo criativo do escritor, no caso de Zila, a exposição do seu processo de criação poética em que ela utilizou este poema. Tio Juca também recebeu o poema *Retrato de João Cabral de Melo Neto*, em 11 de janeiro

de 1981: “trabalhei durante mais de 30 dias neste poema (ou este poema). Ainda não gosto da palavra reprimida, do sentido dístico e penso que vou grifar, e não aspear a palavra compreende. É um cacoete do João, mas é também uma palavra espanhola, não? Acho que o poema vem da razão do meu contato com 40 anos de arquivo sobre ele, inclusive com uma razoável iconografia em que os mesmos gestos se registram com frequência. Inclusive submetido o poema a ele antes de batiza-lo e ele aprovou o título que antes eu havia colocado: Retrato do artista.”

O poema é publicado em *A Herança*, no entanto, percebe-se, consultando a cópia do poema enviada a Mindlin naquele ano que o segundo verso da sétima estrofe passou por uma alteração na versão que saiu no livro. Enquanto no poema enviado a Mindlin consta “angustiada ausência, reprimida presença”, em *A Herança*, ficou: “na rotineira ausência, intempestiva presença”.

Retrato de João Cabral de Melo Neto

Zila Mamede

O gesto de tirar os óculos, de apoiar a testa na mão
(como para sustar a explosão das ideias e interiorizar-se)

O ricto de auto-comiseração (ou zombaria):
apertar os lábios num sorriso seco e horizontal de máscara

O medo do demônio e dos infernos
e nenhuma convivência com um Deus que seja

O pavor e o pudor: onipotência e técnica
de preservar a intimidade dolorosa

A neurose da aspirina, do relógio e do tempo
como se o instante último fosse necessariamente aquele

O desejo de amor, a recusa do amor, o pecano no amor
e a casuística fidelidade ao próprio amor

A missão, a omissão e a ousadia da distância:
angustiada ausência, reprimida presença

O degredo e o segredo: na tortura
pela aspereza da dor invulnerável

A necessidade de confirmar se se “comprende”
o debate, a fluência, a lucidez

A dialética e a disciplina do poeta
e o preconceito atávico da casta

O compromisso ascético com a palavra:
salvação e danação, perdição e deificação
Natal, 11/01/81

Mindlin ao que parece era um colecionador de “originais”. Zila remete o poema como um presente fazendo referência “espero que você possa usar o poema como mais uma peça para a sua coleção de ‘raridades’...”. Não encontramos cópias de possíveis cartas de Mindlin em que haja comentário a estes poemas, o acesso a correspondência bilateral foi possível quando se encontrou no arquivo de Mindlin cópias das cartas que remeteu a Zila e não só e apenas as que dela recebeu. Comentários, observações, algo do tipo, que tratem deste material recebido por ele talvez durmam em cartas de Mindlin para Zila que constem no arquivo da poeta.

O carinho e o afeto mútuo resulta definitivamente em um gesto significativo da poeta que encerra a grandeza desta amizade em que se refletem estas e as demais relações que a poeta construiu na sua vasta correspondência, ainda pouco conhecida e estudada, aqui brevemente relacionada com a consulta a diversos acervos em que pela primeira vez se apresentam não só as cartas e poemas que remeteu a Carlos Drummond de Andrade, em que se revelam traços biográficos o construto da sua poesia e o percurso empreendido para a construção da bibliografia de João Cabral de Melo Neto, mas também a correspondência da poeta com o bibliófilo José Mindlin, a quem Zila remeteu o original datilografado de *A Herança* com a seguinte dedicatória escrita do próprio punho: “José e Guita: este livro foi muito importante, no atual momento que vivo, comemoro, com ele, 55 anos. E muito muito contente. Este original datilografado é um presente de aniversário

para Guita (8 de agosto, digo 2 de agosto) e José (8 de setembro) com o maior carinho de Zila Mamede ou Zil, Natal, 04 de setembro de 1983”.